

ALVIM, Rosilene; FERREIRA JR., Edísio; QUEIROZ, Tereza (orgs.).  
*(Re)construções da juventude: cultura e representações contemporâneas*. João  
Pessoa: Editora Universitária - PPGS/UFPB, 2004.

Elaine Müller

Juventudes plurais. Em cada texto do livro organizado por Alvim, Ferreira Jr. e Queiroz, a questão da pluralidade das juventudes está sendo colocada. O livro, que já tem um grande mérito em nos falar de jovens outros que os de metrópoles do Sul e Sudeste (sempre tão analisados e discutidos), aborda jovens de periferias elaborando suas posições de “excluídos” através de suas vozes ativas, o corpo jovem e o jovem que amadurece, violência, pobreza, uso de drogas e estereótipos.

A metáfora das *(re)construções da juventude* é interessante e estimula ao menos duas possíveis leituras: por um lado, os trabalhos contidos no livro são representativos de algumas construções e reconstruções que os jovens têm colocado para os contextos dos quais fazem parte. É o caso dos jovens articulados no hip hop, abordados em dois dos artigos do livro – “*Culturas juvenis, contestação social e cidadania: a voz ativa do hip hop*”, de Tereza Queiroz, e “*Culturas juvenis na periferia de Caruaru: com os olhos voltados à realidade social*”, de Adjair Alves.

No artigo de Queiroz, a música e outras manifestações culturais são vistas como formas criativas de os jovens expressarem sua experiência geracional, enquanto falam sobre as relações de poder, de perspectivas de vida, sobre a sociedade, enfim. Queiroz analisa alguns trechos de músicas de rap como expressão de uma cultura juvenil específica – o hip hop. Neste sentido, a autora ressalta a maneira como os jovens fazem conexões entre problemas geracionais e questões públicas; a expressão inovadora e democratizante do campo estético que a cultura hip hop representa (que a autora vê como uma certa continuidade com a *contracultura*, neste sentido); o rompimento, através do hip hop, da idéia de democracia racial brasileira; a exposição da subjetividade da experiência da favela através das músicas; os estereótipos que são feitos dos jovens pobres. E propõe políticas que repensem a discriminação de crianças e jovens, os espaços de moradia, de lazer e de circulação e a inserção social destes jovens, potencializando sua criatividade.

Alves nos apresenta o movimento dos jovens do Morro Bom Jesus, em Caruaru – PE:

... um manifesto em defesa da vida na periferia, contra os males provocados pela ganância e a avareza do sistema capitalista, contra o modismo da sociedade de consumo, o uso do corpo e da sensualidade como mercadoria a serviço do capital (p. 63).

A chave do texto de Alves está em mostrar de que forma os jovens, através do rap, usam uma linguagem que lhes é familiar, e que os “vitimiza” – a linguagem da violência, da pobreza e da marginalização – e a articula num discurso positivador. É a reação do jovem, “com indignação e agressividade que só ele entende” (p. 68).

Outras (re)construções da juventude no livro são as dos jovens da comunidade de Peixinhos, cenário de dois trabalhos. No primeiro deles, Micheline Cunegundes apresenta os jovens inseridos no que chama de projetos sociais ou culturais, no artigo “*Juventude, cultura e identidade*”. Estes projetos

... buscam proporcionar às crianças, adolescentes e jovens do bairro a profissionalização artística, como meio de estimular a auto-estima e perspectiva de futuro longe da violência (p. 50).

Cunegundes percebe, em seu trabalho, que os dois projetos culturais por ela analisados se constituem como importantes espaços de afirmações identitárias – uma identidade cidadã sendo construída “*passando pelo elemento cultural, pelo lazer e pelo acompanhamento do adulto, que é uma carência dos jovens*” (p. 59).

Já os jovens de Peixinhos do artigo “*Juventude, violência e pobreza no bairro de Peixinhos: questionamentos e alternativas*”, de Luciana Ribeiro, seguiram um caminho diverso. Ribeiro fala de rapazes com idade de 12 a 21 anos que estão sob medida socioeducativa de liberdade assistida e/ou prestação de serviço à comunidade por terem cometido algum ato infracional. E observa que o que falta a estes jovens infratores é oportunidade – a cidadania que lhes foi negada. As mesmas oportunidades que faltaram a Roberto, o jovem, aliás, “praticamente adulto”, como se considera, que tem sua trajetória reconstruída no texto de Mónica Franch “*Praticamente como um adulto: dilemas da transição de jovens pobres do Recife*”. O trabalho de Franch trata desta transição da juventude para a idade adulta na qual os jovens pobres esbarram “*em algumas barreiras da exclusão social – na desvalorização do ensino, na falta de oportunidades, nos mecanismos pelos quais as desigualdades se reproduzem, como os baixos salários*” (p. 44). Num contexto de “marginalização”, alguns jovens, como Roberto, tentam tornar-se “homens de bem”, outros seguem carreiras na criminalidade ou próximo a ela. E um futuro de sucesso não depende apenas dos esforços individuais de cada um.

Se Franch está preocupada com os jovens que se tornam adultos, Fabiana Pereira, em “*O corpo jovem e o medo do envelhecimento*”, reflete sobre algumas práticas de mulheres de trinta a sessenta anos que tentam “coagular o tempo”. Aqui não são mais (re)construções feitas por jovens, não no mesmo sentido dos outros trabalhos, mas de (re)construções de adultos que não medem esforços para conquistar e manter um corpo perfeito. E o modelo de perfeição que estas mulheres divisam está pautado em “atributos da juventude”: o corpo sarado, esteticamente impecável.

É com este intuito que o corpo jovem destas mulheres adultas é constantemente submetido a tratamentos estéticos, exercícios, procedimentos cirúrgicos, enfim, controle, cuidado e vigília. Para manter-se jovem, o corpo necessita de disciplina – da mesma que forma como se tenta exigir dos jovens, aliás.

Ana Maria Pessoa, no artigo “*Representações sociais da violência na família e estratégias educativas utilizadas pelos pais*” fala de sua pesquisa com três grupos focais de diferentes níveis de escolaridade, onde procurou estudar as representações sobre a violência familiar. Pessoa observa que existe um núcleo figurativo constante nestas representações sociais:

... o sujeito não tem o potencial de criar seu próprio limite; a punição tem que ser com dor, e os limites vêm por intermédio da educação, do externo, ou no genético. Foi percebida uma tendência para manter o conhecido, reproduzir a tradição e o desejo de mudar, mesmo com o peso do desafio da tradição (p. 109).

Já os artigos de Maria do Socorro Vieira, “*Juventude e o uso intensivo de droga na atualidade*”, e de Roberto K. Pacheco, “*Notas de viagem: adolescência e usos de drogas*”, estão, de diferentes maneiras, falando da juventude usuária de drogas. Vieira trata do período inicial do uso intensivo de drogas por indivíduos que se tornaram dependentes, e analisa a questão através da noção de *encantamento*. Para a autora, é o encantamento que motiva o sujeito ao consumo intensificado de drogas:

... a relação de encantamento do sujeito com a droga deve-se ao fato de a substância auxiliá-lo na perseguição de sucesso, de destaque e de outros referenciais que lhe conferem valorização e *status* de competência na vida (p. 162).

Pacheco divaga sobre o encontro com *pacientes* em tratamento de dependências químicas, outros *terapeutas* (Pacheco era um deles) destes pacientes, e um grupo de usuários de drogas que não estavam em tratamento, que o autor chamou de *impacientes*. O autor percebe que a dependência química é vista socialmente como “*a sujeira que ameaça a ordem*” e que o tratamento do dependente “*é o ritual de purificação que visa à abstinência*” (p. 182).

Para Pacheco, os paradigmas do tratamento terapêutico dado aos

... pacientes usuários de drogas mostram-se cientificamente questionáveis, politicamente determináveis, eticamente estigmatizantes e terapeuticamente ineficazes (p. 182).

O trabalho de Pacheco abre caminho para a segunda leitura das (re)construções da juventude que gostaria de sublinhar. Quando o autor diz que

“os jovens usuários de drogas com os quais dialoguei me parecem plurais como seus usos, motivações e reações (...) embora se apresentem vulneráveis a dinâmicas psipatológicas, construídas nas trocas simbólicas com seu contexto sociocultural” (p. 182),

nos faz pensar nas construções que pesquisadores, terapeutas e comunicadores fazem a respeito dos jovens com os quais ou sobre os quais estão falando.

Esta seria a outra leitura possível das (re)construções da juventude: os pressupostos feitos pela *academia*, através das pesquisas sobre juventude, e pelo *senso comum*, construídos nos meios de comunicação e compartilhados pela sociedade. Neste sentido, os artigos de Maria Antonieta de Souza, "*Tortura, uma relação de gênero?*", e de Edísio Ferreira Jr., "*Juventude e mídia: estereótipos e segregação*", são exemplares, ambos tratando de representações sobre os jovens veiculadas na mídia.

Ferreira Jr. analisa as manchetes das páginas policiais do jornal Folha de Pernambuco, procurando "*detectar elementos significativos da representação do jovem, homem e pobre, morador dos bairros da periferia da região metropolitana de Recife*" (p. 129). A análise das manchetes revela a repetição de um padrão estético que leva à banalização e perda da sensibilidade diante da morte de determinado indivíduo, bem como "deforma" a capacidade de crítica (p. 130).

Para Ferreira Jr.,

... é possível detectar discursos que se querem aceitos de maneira incontestada e única, fundados em práticas justificadoras de estigma e segregação. Ao ser internalizado em bloco, perde-se a potencialidade crítica das brechas veladas e das relações que ultrapassam o enquadramento. Assim, não é negada a maior incidência de homicídios entre os jovens pobres, mas questiona-se como esta situação é tratada e tornada natural e inevitável pela mídia. Estas brechas e o fora fotográfico apresentam os estereótipos e clichês encerrados que pretendem tornar as fotografias dos jovens pobres mortos como um analogon da realidade (p. 139).

Souza analisa a capa do Caderno Especial *Imagem & Memória* de um jornal pernambucano, onde aparece a foto de um jovem de quinze anos vítima de tortura policial. Souza percebe como a montagem da foto (um rapaz deitado de lado sobre o sofá, mostrando as costas e as nádegas com as cicatrizes; um quadro com a imagem de uma moça colocado sobre o sofá; uma janela permitindo a entrada de luz...) de certa forma minimiza a tortura da qual o jovem foi vítima e o associa a uma frágil feminilidade.

... O masculino e o feminino se reconstruem numa teia de significados onde a beleza plástica assume, 'naturalmente', presença brutal nas práticas e linguagens cotidianas da 'metrópole' (p. 156).

O trabalho de Rosilene Alvim e Eugênia Paim "*A criança e o adolescente no banco dos réus*" também coloca questões sobre o que pensamos (e esperamos) dos jovens. Diante do aumento de "crimes"<sup>1</sup> cometidos por menores de dezoito anos sendo anunciados pela mídia, aumentam certos clamores pedindo que a maioridade penal seja reduzida. As autoras questionam a relação feita de forma automática no senso comum entre pobreza e delinquência, em que surge o pressuposto de que "*infância pobre é infância culpada*" (p. 90); e até que ponto

<sup>1</sup> De acordo com a legislação brasileira, menores de 18 anos são judicialmente inimputáveis, e suas ações legalmente puníveis não podem ser consideradas crimes, e sim atos infracionais, devendo ser submetidas ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

a redução da maioria penal seria válida para a redução de taxas de criminalidade. Segundo as autoras:

... somente quando as medidas sócio-educativas previstas no Estatuto passarem a ser aplicadas oferecendo amplo atendimento a crianças e adolescentes, mesmo nos casos que estes se encontrem precocemente comprometidos com a crueldade, é que a sociedade deixará de tornar-se a imagem daquilo que ela quer combater (p. 96).

Afinal, se as juventudes são tão diversas e as leituras que fazemos delas possivelmente são ainda mais plurais, como podemos pensá-la enquanto um objeto de análise? Alvim, na apresentação do livro, aponta que estamos lidando com uma categoria em construção, mas vale acrescentar que nossas concepções sobre os jovens contribuem para esta construção. Nós ajudamos a formular (re)construções da juventude.

Neste sentido, a partir do livro alguns pontos chamam à reflexão, alguns desafios teóricos colocados pelos próprios jovens.

Em primeiro lugar, quando observamos a forma como os autores usam as noções de cultura juvenil (e subcultura e contracultura), somos levados a pensar sobre como estamos *conceituando* os jovens e as práticas juvenis com as quais estamos trabalhando. Falar de cultura juvenil implica em ver a cultura produzida pelos jovens de um determinado ângulo, diferente, por exemplo, do ângulo das subculturas juvenis. A noção de cultura juvenil foi pensada num momento em que os jovens passam a viver suas vidas em separado das dos adultos. Um momento quando a família não pode mais ser vista “funcionando” como

... agência exclusiva de socialização e a escola institui um espaço separado de convivência que favorece o desenvolvimento de sociedades e subculturas juvenis com seus rituais, símbolos, modas, linguagens e sistemas de valores próprios (Queiroz, p. 19).

Mas, em 2004, podemos pensar nos jovens com uma vida em separado da adulta? A juventude hoje é um produto estético almejado e comercializado – e o artigo de Fabiana Pereira aponta para este sentido. As roupas usadas por grupos contestadores rapidamente caem no circuito comercial e são usadas por adultos “modernos” (foi o que aconteceu com as roupas dos punks, dos rappers e dos hippies). As músicas dos jovens não são apenas dos jovens (isso vale tanto para amantes do rock e do punk que se tornaram adultos, quanto para os sons produzidos por jovens de hoje que são consumidos também por adultos – como o rap).

Além disso, a noção de cultura juvenil tem uma ênfase funcionalista (se a família não “funciona” como agência exclusiva de socialização, é porque os grupos de pares estão “funcionando” como tal) que não combina com uma abordagem dos jovens como sujeitos, agentes sociais, produtores de cultura.

Podemos observar ainda recorrência de certas juventudes em nossos trabalhos (quantos trabalhos Franch encontrou sobre o tempo livre de jovens

pobres “de bem”? Quantos textos Pacheco leu falando de jovens usuários de drogas que não estão em tratamento, ou que não estão com problemas por seu consumo de drogas?). Os cientista sociais, por trabalharem com uma “demanda social”, ou seja, por terem como problemas de pesquisas os problemas que a sociedade coloca, muitas vezes esquecem que estão tratando de uma parte da realidade, uma amostra, e que os temas mais recorrentes são temas mais recorrentes no que incomoda à sociedade, e não uma cópia do social. Será que não estamos treinados a observar certos tipos de juventudes, e por isso estamos também acostumados a usar noções que se adequem a estas juventudes (subcultura, contracultura), imaginando que estamos usando de conceitos analiticamente relevantes para pensar a Juventude (imaginada como uma entidade una)? A insistência com noções como a de cultura juvenil pode apontar para este sentido.

Em segundo lugar, a relação entre *juventude* e *ruptura*, como se a juventude fosse um período de grandes rompimentos, ainda é muito recorrente, embora muitos jovens expressem projetos “tradicionais” (formar uma família, ter um bom emprego). Segundo Franch:

... para a maioria dos jovens entrevistados, a juventude é uma idade de maturidade e de liberdade, quando a vida pode ser curtida a fundo, pois ainda não há as ‘responsabilidades’ do adulto. (...) Apesar dessas vantagens, constituir família, ter responsabilidade, virar adulto, enfim, é socialmente percebido como o curso natural das coisas. Se a imagem da juventude está ligada à busca do prazer (‘curtir a vida’), tornar-se adulto traz consigo uma posição social mais valorizada e com mais poder, além de significar a concretização do projeto de família que completa a pessoa (p. 43 – grifos meus).

Neste caso, a ruptura desejada é mais uma questão social, de classe, do que de idade; e a questão colocada passa a ser: o que fazemos quando os jovens com os quais trabalhamos não querem ser rebeldes, desviantes ou espetaculares, mas desejam se tornar “adultos de bem”?

Enfim, os artigos e os jovens que estão no livro *(Re)construções da juventude* nos instigam a pensar em uma série de questões: quem são os jovens os quais estudamos, que pressupostos articulamos para pensá-los, que novos problemas eles nos colocam? As respostas (e outras perguntas) estão em construção.